

Ramminger, T.; Preu, R. de O.; Castro Silva, J. K. S. C.; & Costa Silva, G. da. A Indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão: um relato de experiência da integração entre a Universidade e a rede de atenção integral à saúde mental em Volta Redonda – RJ

A Indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão: um relato de experiência da integração entre a Universidade e a rede de atenção integral à saúde mental em Volta Redonda – RJ

The Inseparability of Teaching, Research and Extension: an experience report of the integration between the university and the network of mental health care in the City of Volta Redonda – RJ

La Indisociación de la Docencia, Investigación y Extensión: un relato de experiencia de la integración entre las universidades y la red de atención de salud mental en Volta Redonda – RJ

Tatiana Ramminger¹

Roberto de Oliveira Preu²

Jéssica Kely S. C. Castro Silva³

Gilmara da Costa Silva⁴

Resumo

O objetivo deste relato é partilhar nossa experiência como docentes e alunos do Curso de Psicologia da Universidade Federal Fluminense – Volta Redonda, em projetos de extensão desenvolvidos em parceria com a rede de saúde mental da região em que a Universidade está sediada. As atividades desenvolvidas situam-se em torno do tema dos desafios do trabalho em saúde mental, considerando três eixos fundamentais: educação permanente, integração ensino-serviço de saúde e indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

Palavras-chave: educação permanente; saúde mental; extensão universitária.

Abstract

The aim of this report is to share our experience as teachers and students of psychology at Universidade Federal Fluminense - Volta Redonda, in extension projects developed in partnership with the network of mental health care in the region where the university is based. The developed activities relate to the theme of the challenges of working with mental health care, considering three essential axes: continuing education, health care teaching-service integration, and inseparability of teaching, research, and extension.

Keywords: continuing education; mental health care; university extension.

¹ Doutora em Saúde Pública, Professora do Departamento de Psicologia da UFF – Volta Redonda. Endereço para correspondência: Rua Desembargador Ellis Hermydio Figueira, 783, Atarrado, Volta Redonda, RJ, CEP: 27213-145. Endereço eletrônico: tatiramminger@gmail.com

² Doutor em Psicologia, Professor do Departamento de Psicologia UFF – Volta Redonda.

³ Graduanda do curso de Psicologia – UFF – Volta Redonda.

⁴ Graduanda do curso de Psicologia – UFF – Volta Redonda.

Ramminger, T.; Preu, R. de O.; Castro Silva, J. K. S. C.; & Costa Silva, G. da. A Indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão: um relato de experiência da integração entre a Universidade e a rede de atenção integral à saúde mental em Volta Redonda – RJ

Resumen

El objetivo de este informe es compartir nuestra experiencia como profesores y estudiantes de psicología en la Universidad Federal Fluminense - Volta Redonda, en proyectos de extensión desarrolladas en colaboración con la red de salud mental en la región en la que se basa la universidad. Las actividades se encuentran en torno al tema de los desafíos de trabajar en salud mental, teniendo en cuenta tres aspectos fundamentales: la educación continua, la integración de la salud y la educación-servicio y la inseparabilidad entre la docencia, la investigación y la extensión.

Palabras-clave: educación continua; salud mental; extensión universitaria.

Ramminger, T.; Preu, R. de O.; Castro Silva, J. K. S. C.; & Costa Silva, G. da. A Indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão: um relato de experiência da integração entre a Universidade e a rede de atenção integral à saúde mental em Volta Redonda – RJ

O objetivo deste relato é partilhar nossa experiência como docentes e alunos do Curso de Psicologia da Universidade Federal Fluminense – Volta Redonda (UFF-VR) – em projetos de ensino, pesquisa e extensão desenvolvidos em parceria com a rede de saúde mental do município em que a Universidade está sediada. Para tanto, dividimos este relato em três distintos momentos, com o único objetivo de facilitar a compreensão dos leitores, sem perder de vista a complexidade e unidade de suas ações.

Primeiro momento: criação do Curso de Psicologia, aproximação da rede de saúde e o primeiro projeto de extensão

O Curso de Psicologia da UFF-VR teve início no segundo semestre de 2011. Surgiu com o processo de expansão da universidade pública brasileira, implantado pelo Ministério da Educação na última década a partir de um estudo diagnóstico realizado para levantar as características socioeconômicas e as demandas por formação de nível superior da região do Médio Paraíba do estado do Rio de Janeiro. Nesse estudo, verificou-se o significativo potencial de desenvolvimento social e econômico presente na região, bem como a ausência de cursos situados em universidade pública voltados para a formação em saúde. Tendo sido a carência de um Curso de Psicologia significativamente citada, tanto por parte dos gestores municipais quanto por parte da população, optou-se por priorizar sua criação.

A partir dessa análise, o Curso de Psicologia foi fundado levando em consideração duas ênfases curriculares que visam a preencher as demandas regionais em duas frentes: de um lado, contribuir com o desenvolvimento socioeconômico da região, atuando na formação de psicólogos habilitados a atuar nos processos de gestão; e, de outro lado, contribuir nos processos de prevenção e promoção da saúde, formando profissionais para desenvolver ações em saúde coletiva, de forma integrada e interdisciplinar, de acordo com as diretrizes do Sistema Único de Saúde (SUS). Sendo assim, o Curso de Psicologia da UFF-VR é o único curso relacionado à saúde, sediado em uma universidade pública, em toda a região do Médio Paraíba, do Rio de Janeiro, que atualmente abrange 15 municípios e uma população estimada em pouco mais de 1.100.000 habitantes, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, em seu último censo, em 2010.

Mesmo antes de iniciado o Curso de Psicologia, no momento em que se trabalhava em

seu projeto pedagógico, os autores docentes, logo que ingressaram na UFF, em 2010, procuraram conhecer as demandas da rede de saúde da região em relação à Universidade, que apontavam prioritariamente para o tema da Qualificação. Nesse sentido, já em março de 2011, iniciou-se o primeiro curso de extensão, direcionado aos trabalhadores da rede de saúde mental, bem como a inserção em fóruns deliberativos na área de saúde da região, tais como o Conselho Municipal de Saúde de Volta Redonda e a Comissão de Integração Ensino Serviço (CIES), nos quais os autores docentes têm assento, compondo o segmento das instituições de ensino.

Para o início desse primeiro projeto, intitulado “O cuidado de si como condição para o cuidado do outro”, foi realizada uma breve divulgação entre os seis coordenadores de serviços de saúde mental de Volta Redonda. O convite era para a criação de um espaço coletivo de reflexão sobre a relação entre Saúde e Trabalho nos serviços de saúde mental. Isso por que, considerando nossos campos de pesquisa e trabalho, nos últimos 15 anos, compreendemos que as propostas da reforma psiquiátrica brasileira pouco problematizaram as relações e os modos de trabalhar, fundamentais na consolidação de outras possibilidades de cuidado.

Na semana seguinte à divulgação, qual não foi nossa surpresa ao nos depararmos com mais de 150 inscrições para o primeiro encontro de trabalhadores de praticamente todos os municípios da região. Isso nos colocou um primeiro problema: como acolher a todos sem abrir mão da qualidade e aprofundamento das discussões, que acreditávamos só ser possível em pequenos grupos? Seria melhor optar por algum critério de inclusão e exclusão, caracterizando uma seleção?

Por outro lado, a grande procura nos apontava para a importância atribuída à Universidade e nos questionava sobre o nosso papel nesse contexto. A Universidade deve atender a todas as demandas? É assim que ela serve à comunidade? E, quando é a Universidade que faz a oferta, essa oferta está ligada a que demanda? Dos professores, dos alunos, da comunidade, a uma demanda econômica? São perguntas às quais, quando nos propomos a desenvolver projetos de extensão, temos que estar muito atentos. No nosso caso, queremos compor parcerias com os serviços de saúde, mas sem tamponar falhas ou falta de investimento da gestão, e também sem nos subordinarmos a ela. Ao mesmo tempo, o que oferecemos não deve ser apenas do nosso interesse, no sentido de engordar nossos currículos e pesquisas, e sim constituir-se como uma problemática coletiva, partilhada. Também não

Ramminger, T.; Preu, R. de O.; Castro Silva, J. K. S. C.; & Costa Silva, G. da. A Indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão: um relato de experiência da integração entre a Universidade e a rede de atenção integral à saúde mental em Volta Redonda – RJ

queremos reforçar a ideia da Universidade como “castelo dos saberes”, onde o conhecimento acadêmico funciona mais como adorno autorreferenciado do que como ferramenta para a transformação. Ao contrário, consideramos que a Universidade não é o único lugar de produção de conhecimento, devendo ser permeável aos saberes construídos no cotidiano das mais diversas atividades de trabalho. É por isso que insistimos na premissa de partilhar. Compartilhar experiências e saberes em torno das práticas de saúde.

A partir dessas reflexões, optamos por acolher todos os inscritos, pensando em uma metodologia de trabalho que nos permitisse tanto valorizar os saberes produzidos na experiência como a circulação da palavra, compreendendo que o diálogo é a principal ferramenta do compartilhar. Considerando nossa preferência pelas metodologias de pesquisa-intervenção, em suas mais variadas vertentes – enquete operária, enquete dejouriana, genealogia, cartografia, análise institucional, comunidade ampliada de pesquisa, entre outras (ver Dejours, 2004; Foucault, 1999; Guattari & Rolnik, 1986; Lourau, 1993; Ramminger, Athayde, & Brito, 2013) –, optamos por seguir o método essencialmente cartográfico, construindo o nosso percurso a partir do que surgia nos encontros com os trabalhadores.

Segundo Passos, Kastrup e Escóssia (2009), o sentido da cartografia se dá pelo “acompanhamento de percursos, implicação em processos de produção, conexão de redes ou rizomas” (p. 10). Como podemos tornar isso mais claro? Seguindo os autores, podemos recorrer à etimologia da palavra metodologia, que remete a *metá* (objetivo) e *hódos* (caminho). No sentido clássico do uso do termo metodologia, podemos considerar haver um primado dos objetivos em relação ao caminho a ser percorrido. Nas palavras dos autores, “Com essa direção, a pesquisa é definida como um caminho (*hódos*) predeterminado pelas metas dadas de partida” (Passos et al., 2009, p. 10). No caso do método cartográfico, propõe-se uma inversão desses termos, isto é, as metas, ou os objetivos, vão se estabelecendo à medida que o caminho é percorrido. Em resumo, pressupõe-se um primado do *hódos* sobre a *metá*.

A metodologia que desenvolvemos, e que era adaptada conforme o número de pessoas que compareciam aos encontros, iniciava-se com a escolha de um tema relacionado à prática dos trabalhadores. Em um primeiro momento, o tema era discutido em pequenos grupos e depois compartilhado no grande grupo. No intervalo entre os encontros com os trabalhadores, o grupo

condutor, formado pelos professores e alunos, sistematizava os pontos principais, buscando o diálogo com autores da Filosofia, da Psicologia, da Saúde Coletiva e mesmo da Literatura e outras artes, levando o resultado para o próximo encontro.

As oficinas aconteceram de 2011 até 2013, com uma frequência quinzenal, em que cada tema foi desenvolvido em dois ou três encontros. A gama de temas trabalhados foi extensa, e tem sido material de pesquisa e produção acadêmica, em uma amálgama indissociável entre ensino, pesquisa e extensão. Alguns desses temas foram: formação em saúde, o que é cuidado, o que é autonomia, o que é diagnóstico, como funciona a medicação psiquiátrica, o que é rede e sistema de saúde, saúde do trabalhador, gestão e clínica, humanização e o caso das drogas, entre tantos outros.

Como ilustração, podemos citar a discussão sobre o conceito de saúde. Propusemos ao grupo que estabelecesse um conceito para “saúde”, ressaltando que o que entendiam como saúde determinava a direção de seu trabalho. Se a saúde for compreendida como ausência de doença, por exemplo, a direção do trabalho será eliminar a doença; se a saúde estiver relacionada a um sentimento de bem-estar, o objetivo é produzir bem-estar, e assim por diante. Depois de apontarem várias conceituações possíveis para a saúde, os trabalhadores escolheram aquela elaborada pela Organização Mundial de Saúde (1946): saúde é o completo bem-estar biopsíquico e social. Frente a essa elaboração, trouxemos autores como Freud (2011) e Canguilhem (1990) para problematizar tanto o ideal de “completo”, como de “bem-estar”. Isso gerou importantes reflexões sobre as práticas de cuidado, sempre percebidas como insuficientes e frustrantes, o que levava a um intenso sentimento de impotência e sofrimento dos trabalhadores. Ao poderem refletir sobre a impossibilidade do completo bem-estar, e de como esse ideal estava ligado a um projeto normalizador e asséptico da saúde pública, os trabalhadores conseguiram vislumbrar a potência de suas ações, que podiam apoiar os usuários na produção e ampliação de possibilidades de vida.

Privilegiamos, ainda, conforme os diferentes temas trabalhados, o diálogo com outros pesquisadores tanto do próprio Departamento e UFF como de outras universidades. Foi assim que, na discussão sobre a formação, tivemos a parceria com o projeto de pesquisa sobre Formação de Agentes Comunitários de Saúde, coordenado pela profa. Dra. Adriana Kelly dos Santos, do Curso de Medicina da Universidade Federal de Viçosa, com a vinda de alunos de Medicina e agentes

Ramminger, T.; Preu, R. de O.; Castro Silva, J. K. S. C.; & Costa Silva, G. da. A Indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão: um relato de experiência da integração entre a Universidade e a rede de atenção integral à saúde mental em Volta Redonda – RJ

comunitários de saúde de Viçosa à Volta Redonda. Na ocasião, além da participação no projeto de extensão, houve o intercâmbio entre os serviços de saúde, com dois dias de visita e seminários em um Centro de Atenção Psicossocial (Caps) e um Programa de Saúde da Família (PSF) de Volta Redonda. Da mesma forma, discutimos o projeto sobre Gestão Autônoma de Medicamentos com o grupo de pesquisa do prof. Dr. Eduardo Passos (Departamento de Psicologia da UFF – Niterói) e sobre Técnicos e Equipes de Referência, com o pesquisador Dr. Martinho Braga Batista da Silva, do Instituto de Medicina Social, da UERJ.

Além disso, alguns trabalhadores da rede de saúde passaram a integrar nosso projeto de pesquisa na real composição de uma “Comunidade Ampliada de Pesquisa”. Temos, sobretudo, uma preocupação ética com o campo de pesquisa em serviços de saúde, visto que o modo acadêmico hegemônico de pesquisa coloca os serviços como meros “fornecedores de dados”, e não como parceiros na produção de conhecimento, sem considerar qualquer tipo de comprometimento com o fortalecimento e desenvolvimento dos serviços (Brito, Athayde, & Neves, 2003).

Por outro lado, muitos trabalhadores saíram do projeto, também por dificuldades diversas, como deslocamento, mas, sobretudo, pela expectativa de que iríamos “dar aulas”, no sentido mais tradicional, de repasse de conhecimento. Aliás, até hoje, o projeto de extensão é conhecido, entre os trabalhadores, como o “curso da UFF”. Ainda não conseguimos desmontar a ideia de “curso”, mas já consolidamos o entendimento de que é “um curso diferente”. Em uma reunião com a Secretária de Saúde, fomos surpreendidos com a avaliação de que o “curso” era dado pelos trabalhadores e que nós estávamos querendo aprender com eles, e não o contrário. O que seria uma crítica ao projeto tornou-se a certeza de que estávamos no rumo certo!

Segundo momento: integrando-se à política de Educação Permanente em Saúde da região

Considerando a avaliação positiva desse primeiro projeto de extensão, houve o contato das Secretarias Municipais de Saúde de Volta Redonda e de Resende, com uma nova solicitação de capacitação da rede de saúde mental. Percebeu-se, nesses pedidos, mais uma vez, o reforço à ideia da Universidade como o único lugar de produção de conhecimento, com uma desvalorização do saber que é produzido no fazer cotidiano dos serviços de saúde. A contraproposta foi, novamente, o convite à construção de um campo de conhecimento e troca,

a partir do diálogo entre os “saberes acadêmicos” e os “saberes da experiência”, que vai além da relação dicotômica entre teoria e prática.

Foi assim que começamos a desenvolver outros projetos de extensão, diretamente relacionados à política de Educação Permanente em Saúde dos municípios, pois aconteciam dentro dos serviços de saúde e compunham a carga horária dos trabalhadores. Ambos aconteciam mensalmente com algumas variações. Em Resende, todos os trabalhadores de saúde mental reuniam-se em um auditório, enquanto que, em Volta Redonda, fazíamos encontros itinerantes pelos serviços de saúde mental. A experiência em Resende ocorreu durante o ano de 2012, sendo interrompida devido a dificuldades com o deslocamento.

Já em Volta Redonda, mantivemos os encontros durante 2012 e 2013, envolvendo então três professores e sete alunos do Curso de Psicologia, bem como os trabalhadores dos seguintes serviços de saúde mental de Volta Redonda: Caps Usina, Caps Vila, Caps Belvedere, Caps i, Caps ad e Espaço de Cuidado em Saúde. Como já mencionado, a cada mês realizávamos o encontro em um determinado serviço, contando com a participação de todos os trabalhadores do serviço que nos recepcionava e de dois a três representantes dos demais serviços. Estes tinham a tarefa de multiplicar as discussões em suas equipes. Nos primeiros encontros, a partir do tema de interesse do serviço em que o encontro seria realizado, escolhíamos um dispositivo – um vídeo, um texto, uma reportagem, um caso – ou seja, algo que pudesse funcionar como disparador da discussão. Foi assim que problematizamos temas necessários à formação contemporânea no trabalho em saúde mental, tais como: indissociabilidade entre clínica e política, características do trabalho em saúde mental, criação de acesso e barreira na rede de saúde, produção de cuidado e vínculo, reforma psiquiátrica, modos de atenção aos usuários de álcool e drogas, e matriciamento, entre outros.

Aos poucos, no entanto, percebemos algumas “perturbações”. Perturbações quase no sentido “psiquiátrico” do termo, como algo que escapa à ordem e linearidade. Se temos um planejamento das atividades muito “duro”, sem abertura para a imprevisibilidade, a tendência é que essas “perturbações” sejam desvalorizadas e, até mesmo, soterradas pela agenda de trabalho. No nosso caso, no entanto, embora tivéssemos uma linha-guia, nossa metodologia era (e é) essencialmente cartográfica, ou seja, não elaboramos um mapa previamente, mas apostamos na construção do

Ramminger, T.; Preu, R. de O.; Castro Silva, J. K. S. C.; & Costa Silva, G. da. A Indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão: um relato de experiência da integração entre a Universidade e a rede de atenção integral à saúde mental em Volta Redonda – RJ

caminho à medida que se anda. Foi assim que resolvemos escutar essas “perturbações”, que estavam relacionadas, sobretudo, à incorporação de um novo serviço à rede de saúde mental: o Espaço de Cuidado em Saúde.

O Espaço de Cuidado em Saúde foi inaugurado no final de junho de 2011, com a proposta de funcionar como um Ambulatório Ampliado, sendo composto por dois setores: um de fisioterapia e outro de saúde mental. No caso da saúde mental, o desafio era apontar para novas possibilidades de cuidado em saúde, “prestando atendimento aos usuários que sofrem com questões emocionais/psiquiátricas de baixa e média complexidade no âmbito do SUS” (Campos, Guidoreni, Santana, & Silveira, 2012, p. 358).

Como os próprios trabalhadores do serviço descrevem em Campos et al. (2012), desde o início houve dificuldade em estabelecer qual seria o “perfil” da clientela e como seriam realizados os encaminhamentos para o novo serviço. O entendimento era que havia uma “demanda reprimida” nos Caps, pela inexistência de um serviço ambulatorial na cidade, além de uma clientela de saúde mental invisibilizada, por ser assistida na Emergência de um Serviço de Pronto Atendimento (SPA), que funcionava como uma espécie de “ambulatório de psiquiatria”, centrando o cuidado exclusivamente na prescrição de psicofármacos.

A decisão estratégica para organizar o fluxo dos usuários, a partir da implantação desse novo serviço, foi fechar os atendimentos ambulatoriais em psiquiatria no SPA, estabelecer que o Espaço de Cuidado seria um serviço referenciado e priorizar o Caps como porta de entrada para a atenção em saúde mental. A ideia era regular o acesso à rede de saúde mental, de forma que os Caps realizariam todos os primeiros atendimentos, avaliando quais deveriam ser encaminhados ao atendimento ambulatorial, realizado, por sua vez, no Espaço de Cuidado (Campos et al., 2012).

Não é difícil concluir o grande impacto dessa decisão na configuração da rede de saúde mental. No caso dos Caps, houve um aumento vertiginoso nos acolhimentos diários. Essa demanda de primeiro atendimento comprometeu o processo de trabalho nos Caps, uma vez que a maioria desses serviços já contava com uma equipe mínima e com grande número de usuários ativos cadastrados.

Todas essas questões começaram a atravessar os encontros de extensão com a fala recorrente dos trabalhadores de que se sentiam como bombeiros sempre “apagando incêndios”. Começamos a escutar essas inquietações, percebendo que era

necessário revisar nossa proposta original. Era hora de tentarmos compreender, junto com os trabalhadores, o fluxo da rede de saúde mental.

Terceiro momento: os trabalhadores como pesquisadores do seu trabalho

Trabalhamos com a hipótese de que a criação de serviços não necessariamente aumenta a oferta e o acesso ao cuidado da rede de saúde. No caso do Espaço de Cuidado, a criação de um novo serviço não foi acompanhada pela contratação de novos profissionais, mas sim pela redistribuição de trabalhadores dos Caps. Além disso, em função do estado sociocultural vigente de “medicalização, psiquitização e psicologização da vida”, responder às supostas “demandas reprimidas” pode, ao contrário de produzir outras formas de cuidado, deflagrar a proliferação de demandas. Uma demanda infinita para recursos finitos (Lancetti, 1994).

Percebemos que a compreensão de que realizar um bom trabalho seria atender a todas as demandas, indiscriminadamente, criava uma ansiedade em todas as equipes, que dificultava a problematização e priorização de demandas, bem como o planejamento das atividades. Nesse sentido, os trabalhadores não se autorizavam a participar da gestão do serviço, como se essas duas atividades, gestão e cuidado, política e clínica, não estivessem essencialmente relacionadas.

Foi assim que pensamos em fazer um convite. Um convite para que cada serviço parasse um pouco para refletir sobre sua demanda, considerando que seriam os trabalhadores que produziram os dados relevantes para a gestão, tornando-se pesquisadores do seu próprio trabalho. Nosso pedido foi que cada serviço reunisse informações básicas sobre o seu funcionamento: qual é sua demanda, de onde vem e para onde vai. Não apresentamos nenhum modelo prévio, justamente para que os trabalhadores pudessem sentir-se livres para escolher a forma mais adequada de apresentação dessas informações. Não nos interessava tampouco a precisão numérica de dados estatísticos, mas o que o levantamento seria capaz de mostrar acerca do que vinha sendo vivenciado, em um entendimento de que os dados quantitativos podem servir como base para uma análise qualitativa, e não apenas para isolar fenômenos.

Foram oito meses de trabalho, nos quais cada serviço pôde pesquisar sobre si mesmo. O resultado foi compilado em um relatório e discutido em um seminário, que reuniu cerca de 80 pessoas, entre

Ramminger, T.; Preu, R. de O.; Castro Silva, J. K. S. C.; & Costa Silva, G. da. A Indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão: um relato de experiência da integração entre a Universidade e a rede de atenção integral à saúde mental em Volta Redonda – RJ

gestores de saúde mental, trabalhadores da rede de atenção básica e de saúde mental, professores e alunos de Psicologia da UFF. Entre os pontos apresentados nesse diagnóstico inicial, destacamos:

a. Reordenamento da demanda ambulatorial e matriciamento

O reordenamento da demanda ambulatorial de primeiro atendimento nos fez problematizar a questão do matriciamento na rede de saúde mental. Nossa intenção não foi trabalhar conceitualmente com a noção de matriciamento, mas escutar como os trabalhadores da rede compreendiam e colocavam em ação tal ferramenta. Percebemos que o matriciamento funcionava mais na lógica da referência e contrarreferência, como um “filtro”, no sentido da escolha da “clientela-alvo”, do que na coprodução de cuidado. Esse ponto afirmou a importância da diferenciação entre matriciamento, referência e contrarreferência, como distintos modos de regulação e elaboração de projetos de cuidado em saúde mental.

b. Eterno retorno à medicalização

O compilado de dados dos serviços evidenciou que a quase totalidade de usuários da rede de saúde mental fazem uso de medicação psiquiátrica. Da mesma maneira, demonstrou que, após o acolhimento inicial nos serviços, todos os usuários eram encaminhados para avaliação psiquiátrica. Isso nos levou a refletir sobre em que medida os serviços de saúde mental têm servido como “antessala da psiquiatria”.

c. Abandono do tratamento ambulatorial

Considerando dados apresentados pelo ambulatório ampliado, cerca de 50% dos atendimentos são interrompidos por abandono do tratamento. Esse nos parece ser um importante analisador, pois se trata de um serviço referenciado, que recebe apenas os usuários encaminhados pelos Caps, com “perfil ambulatorial”. Se antes passam por uma triagem, por que tantas pessoas abandonam o tratamento? Além disso, sabendo da busca e do uso de psicotrópicos por grande parte desses usuários, perguntamo-nos: todas essas pessoas, ao abandonarem o tratamento, também pararam de fazer uso de medicação? Em caso negativo, onde estão buscando a renovação de suas receitas?

À Guisa de Conclusão

Após o Seminário, propusemos encerrar o projeto de extensão tal como estava configurado, aguardando novos encaminhamentos e a reformulação da demanda pelo município, a partir dos dados compartilhados e discutidos.

Entendemos que é importante que a Universidade não fique “oferecendo” projetos de acordo com seu interesse exclusivo, mas que os municípios/serviços parceiros possam implicar-se e efetivamente produzir suas demandas, e não apenas ficar na posição passiva de aceitar as ofertas da Universidade. Por outro lado, percebemos que a Universidade também é demandada a assumir papéis que são da gestão, como, por exemplo, responsabilizar-se exclusivamente pela política de educação permanente em saúde ou pelas supervisões dos serviços. A relação entre ensino-serviço é delicada e deve ser colocada permanentemente em análise.

Acreditamos que os diferentes momentos apresentados apontam para um amadurecimento na relação entre a Universidade e a rede de saúde, passando de um momento em que a Universidade ofertava projetos de extensão para a rede de saúde para um momento onde Universidade e serviço são coprodutores de conhecimento e parceiros em projetos de intervenção.

Embora tenhamos enfatizado as atividades de extensão, acreditamos que fica evidente a relação indissociável entre ensino, pesquisa e extensão. Primeiro, porque acreditamos na potência desse encontro entre alunos, trabalhadores e professores, em que todos aprendem juntos a partir de problemas concretos do cotidiano do trabalho em saúde mental. Mesmo se pensarmos no ensino ligado à sala de aula, essas atividades pautam os temas e animam os debates em nossas disciplinas. Os alunos envolvidos acompanham e participam de todo processo, desde o planejamento dos encontros, escolha de textos, participação nas oficinas e produção de relatórios. A contínua e intensa troca com os serviços de saúde permitiu, ainda, que a rede de saúde se tornasse um campo privilegiado de estágio curricular e obrigatório, consolidando uma formação em Psicologia direcionada ao campo da Saúde Coletiva.

Da mesma forma, em relação à pesquisa, são esses encontros que alimentam nossos projetos de pesquisa, seja esmiuçando conceitos específicos, tais como cuidado de si (Ramminger, Preu, & Leite, 2011), saúde (Preu & Ramminger, 2012), formação em saúde mental (Preu, Ramminger, & Ferreira,

Ramminger, T.; Preu, R. de O.; Castro Silva, J. K. S. C.; & Costa Silva, G. da. A Indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão: um relato de experiência da integração entre a Universidade e a rede de atenção integral à saúde mental em Volta Redonda – RJ

2012; Ramminger, Silva, & Macerata, 2014) e militância (Ramminger, Preu, Alves, Quintino, & Silva, 2013), entre outros, seja pesquisando sobre a história das práticas de cuidado em saúde mental na região (Preu, Ramminger, Costa, & Moreira, 2013). A pesquisa é determinada pelo campo, e não o contrário; ou seja, os pesquisadores buscando seus objetos de pesquisa, já predeterminados, no campo.

A experiência extensionista foi fundamental, ainda, para a criação do nosso grupo de pesquisa, cadastrado no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), denominado REDESAUDE: rede de compartilhamento, pesquisa e intervenção, que conta atualmente com a participação de cinco professores, com diferentes projetos de pesquisa e intervenção, 15 alunos e duas trabalhadoras da rede de saúde, além de parcerias com outros grupos de pesquisa.

Sendo assim, podemos dizer que esta experiência situa-se no registro do encontro. Encontro entre os professores, alunos e trabalhadores na conjugação de esforços para a criação de um campo de conhecimento comum. Encontro entre a Universidade e a cidade. Encontro entre ensino, pesquisa e extensão, afirmando a indissociabilidade entre transmissão, construção e aplicação do conhecimento e do saber, e, sobretudo, o papel transformador e político da universidade pública.

Referências

- Brito, J., Athayde, M., & Neves, M. Y. (2003). *Programa de Formação em Saúde, Gênero e Trabalho nas Escolas: Cadernos de Método e Procedimentos*. João Pessoa: Editora UFPB.
- Campos, A. V., Guidoreni, B. S., Santana, L. M., & Silveira, M. S. (2012). Espaço de cuidado em saúde: um estudo preliminar sobre a implantação do ambulatório ampliado em saúde mental. In S. Pinto, T. B. Franco, M. G. de Magalhaes, P. E. X. Mendonça, A. S. Guidoreni, K. T. da Cruz, et al. (Orgs.), *Tecendo Redes - Os Planos da Educação, Cuidado e Gestão na Construção do SUS*. A experiência de Volta Redonda, RJ (Saúde em Debate, pp. 356-368). São Paulo: Hucitec Editora.
- Canguilhem, G. (1990). *O normal e o patológico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Dejours, C. (2004). Addendum. In S. Lancman & L. I. Sznelman (Orgs.), *Christophe Dejours: Da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho* (pp. 47-104). Rio de Janeiro: Fiocruz.
- Foucault, M. (1999). Nietzsche, a genealogia e a história. In R. Machado (Org.), *Microfísica do poder* (pp. 15-38). Rio de Janeiro: Graal.
- Freud, S. (2011). *O mal-estar na civilização*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Guattari, F. & Rolnik, S. (1986). *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2010). *Censo 2010*. Recuperado em 30 de junho, 2014, de <http://censo2010.ibge.gov.br>
- Lancetti, A. (1994). Casa de Inverno. Notas para Desinstitucionalização da Assistência Social. In A. Lancetti (Org.), *Saúde e Loucura*, 4 (Grupos e Coletivos, pp. 71-84). São Paulo: Hucitec.
- Lourau, R. (1993). *Análise Institucional e práticas de pesquisa*. Rio de Janeiro: UERJ.
- Organização Mundial de Saúde. (1946). *Constituição da Organização Mundial de Saúde*. Recuperado em 30 de junho, 2014, de <http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/OMS-Organização-Mundial-da-Saúde/constituicao-da-organizacao-mundial-da-saude-omswho.html>
- Passos, E., Kastrup, V., & Escóssia, L. da. (2009). Apresentação. In E. Passos, V. Kastrup e L. da Escóssia (Orgs.), *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade* (pp. 07-16). Porto Alegre: Sulina.
- Preu, R., Ramminger, T., Costa, P. C. Jr., & Moreira, G. K. T. P. (2013). Reflexões sobre a relação cuidado/trabalho no histórico de construção de uma rede de atenção em saúde mental. *Anais do VI Congresso Brasileiro de Ciências Sociais e Humanas em Saúde*, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
- Preu, R. & Ramminger, T. (2012). O conceito de saúde para além da satisfação. *Anais do X Congresso Brasileiro de Saúde Coletiva*, Porto Alegre, RS, Brasil.

Ramminger, T.; Preu, R. de O.; Castro Silva, J. K. S. C.; & Costa Silva, G. da. A Indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão: um relato de experiência da integração entre a Universidade e a rede de atenção integral à saúde mental em Volta Redonda – RJ

Preu, R., Ramminger, T., & Ferreira, A. (2012). A formação para o cuidado em saúde mental: Quatro dimensões da formação para o trabalho em saúde mental. *Anais do 10º Congresso Internacional da Rede Unida*, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Ramminger, T., Silva, M. B. B., & Macerata, I. (2014). Educação e Trabalho em Saúde: Relato de uma experiência de formação em álcool e drogas. *Anais do 11º Congresso Internacional da Rede Unida*, Fortaleza, CE, Brasil.

Ramminger, T., Athayde, M. R., & Brito, J. (2013). Ampliando o diálogo entre trabalhadores e profissionais de pesquisa: Alguns métodos de pesquisa-intervenção para o campo da Saúde do Trabalhador. *Ciência & Saúde Coletiva*, 18 (11), 3191-3202.

Ramminger, T., Preu, R., Alves, R., Quintino, E. C., & Silva, W. S. (2013). A produção da militância e a desalienação do trabalhador:

Desafios para a reforma psiquiátrica brasileira. *Anais do VI Congresso Brasileiro de Ciências Sociais e Humanas em Saúde*, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Ramminger, T., Preu, R., & Leite, A. P. T. T. (2011). O cuidado de si como condição para o cuidado do outro: Oficinas com trabalhadores de saúde mental da região sul-fluminense do Rio de Janeiro. *Anais do 16º Encontro Nacional da Abrapso*, Recife, PE, Brasil.

Recebido: 18/02/2014
Reformulado: 30/06/2014
Aprovado: 02/07/2014